

Distribuição da população rural de uma parte do sertão nordestino *

NEY STRAUCH

Da Divisão de Geografia de C.N.G.

A região ora em estudo compreende a bacia do São Francisco em Pernambuco, oeste de Alagoas e Sergipe e parte do norte da Bahia. O mesmo rio São Francisco serve de eixo à dita região.

O POVOAMENTO DA REGIÃO

Ao que tudo indica, já no século XVI o elemento branco penetrara no rio São Francisco. Naquele século, o jesuíta Luís DA GRÃ tentou o início de uma catequese mas, em virtude dos poucos resultados obtidos não se fixou na região. A influência dos missionários aliás, restringiu-se quase que somente ao rio propriamente dito. Esta influência foi mais forte no oeste da Bahia. Ainda assim, algumas cidades do vale sanfranciscano, na área que nos interessa, foram fundadas pelos religiosos Capuchinhos que se localizaram de preferência nas diversas ilhas fluviais.

Após a retirada dos Capuchinhos, devido a uma desinteligência entre Roma e a côrte de Portugal, seguiram-se os missionários de Santa Teresa e depois os Capuchos Italianos que também não se afastaram do grande rio. No século XVII já havia numerosas missões, quase tôdas estabelecidas nas ilhas. O povoamento do vale progredira tanto que a missão de Rodelas contava perto de 600 habitantes.

Apesar disso, devemos supor que o processo de catequese e aldeamento dos indígenas estabelecido pelas missões religiosas, pouco contribuiu para o povoamento da bacia do São Francisco pelo elemento branco. Êste, era mesmo, motivo de desagregação nos aldeamentos pelos costumes criminosos que transmitiam aos indígenas.

Um segundo fator no povoamento desta região foi o bandeirante, de relativa importância no alto São Francisco, principalmente após a descoberta das minas, porém, de pouca expressão na bacia média do rio. Antes mesmo do início da mineração, as "entradas" teriam chegado ao grande vale em busca do braço indígena para as lavouras do litoral. Dentro do aspecto povoador interessa-nos a expedição de MATIAS CARDOSO que percorreu parte do São Francisco em 1692, a fim de pacificar os índios Cariris, deixando como vestígio de sua passagem, alguns arraiais.

O mais importante dos fatores no povoamento da bacia do médio São Francisco foi sobretudo o criador de gado. Parte destes criadores foram bandeirantes que se apossaram de terras ou as receberam sob a forma de sesmarias.

Após a conquista de Sergipe, no século XVI, cresceu a penetração dos criadores baianos na direção do baixo São Francisco chegando mesmo a ultrapassá-lo. O chamado sertão do Pajeú foi povoado, ao que parece, por esta corrente de criadores oriundos da Bahia.

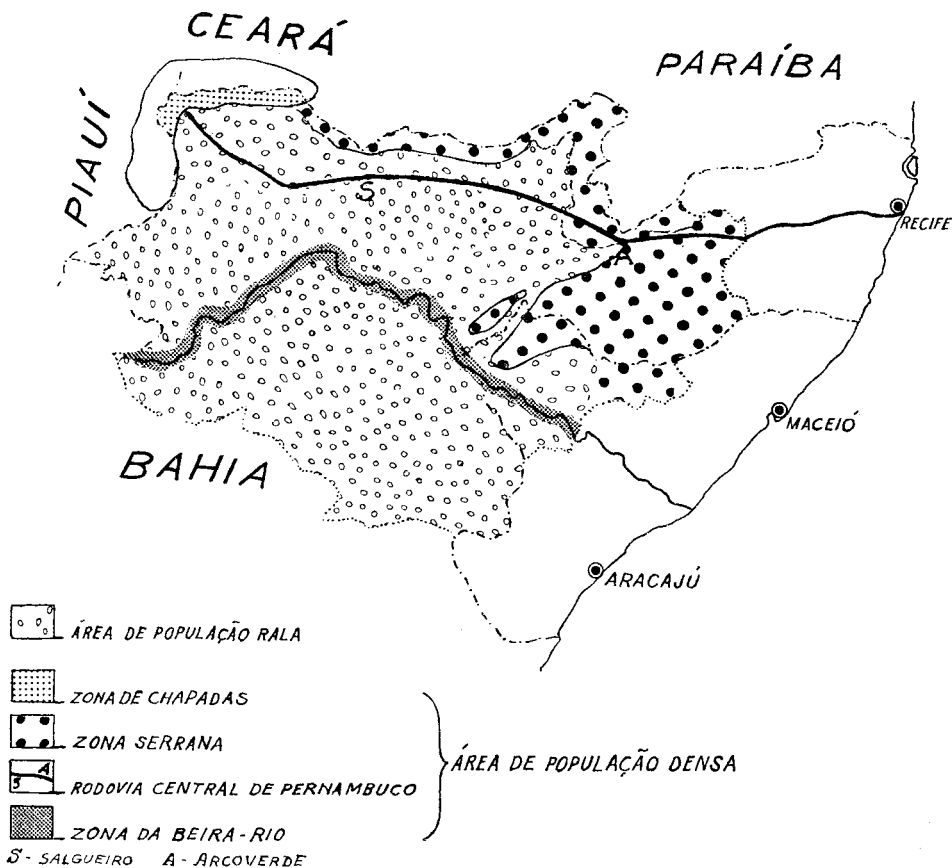
No médio São Francisco, o rio foi a divisa natural entre os criadores de Pernambuco e os que se originavam do Recôncavo. Aliás, a penetração dos criadores vindos de Pernambuco não foi das mais importantes no médio São Francisco. O estabelecimento de GARCIA D'ÁVILA com 250 léguas de testada no rio São Francisco é fruto do movimento povoador baiano, ao tempo de TOMÉ DE SOUSA. Desta famosa "Casa da Torre" saiu o rendeiro DOMINGOS AFONSO MAFRENSE que afastando-se do São Francisco desceu um dos afluentes do Parnaíba estabelecendo-se no Piauí, abrindo caminho ao povoamento do sertão deste Estado e de parte de Pernambuco.

Em 1670 estava povoado todo o vale até o rio Salitre e o caminho para a Bahia era franco através da chamada velha estrada do São Francisco, aproveitada posteriormente como traçado pela via férrea de idêntico nome (atual Viação Férrea Federal Leste Brasileiro).

* Os dados de população são do recenseamento de 1940. A distribuição da população corresponde à situação em 1948.

CAPISTRANO DE ABREU em *Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil* assinala a importância do jesuíta neste ciclo do gado do Nordeste afirmando textualmente: "Dentro do recôncavo e em certas ilhas dêle havia alguns currais; a fôrça da criação começava da ponta de Santo Antônio para o norte; no tempo em que GABRIEL escrevia já alcançava o rio Itapicuru, e avultavam como criadores os jesuítas e GARCIA DE ÁVILA, o fundador dessa Casa da Torre que mais tarde devia tornar-se tão opulenta".

ESQUEMA DAS ZONAS DE POPULAÇÃO RURAL DA ÁREA ESTUDADA



Podemos assim esquematizar a ocupação da região da bacia do médio São Francisco da seguinte maneira: dois movimentos quase idênticos, partindo do litoral da Bahia e Pernambuco, na direção do rio São Francisco. Dali então se deu a ocupação do sertão em ambas as margens, num movimento de expansão natural. Predomina neste movimento a corrente baiana principalmente após a conquista de Sergipe. Também do alto São Francisco veio certo influxo embora em menor escala. A criação foi o objetivo desta expansão. A agricultura só mais tarde foi iniciada e em termos ponderáveis só existe na faixa montanhosa ao longo da fronteira setentrional de Pernambuco e nas pequenas serras que enquadram o rio Moxotó entre Pernambuco e Alagoas.

A DISTRIBUIÇÃO ATUAL DA POPULAÇÃO

Logo à primeira vista é possível observar-se dois tipos na distribuição da população rural. Nota-se na parte central da região abrangida pelo mapa, particularmente nas áreas menos distantes do rio São Francisco, uma acentuada rarefação no povoamento contrastando



Fig. 2 — Comparado às outras áreas sertanejas do Nordeste, o rio São Francisco apresenta certo adensamento de população, localizada nas aluviões ou "vazantes" do grande rio. Tal ocupação, entretanto, não é contínua. Quando o rio se encaixa, formando barrancas, deixa de haver a formação de aluviões e assim, estes trechos do São Francisco não são procurados pelo sertanejo pela impossibilidade de ali ser feita a agricultura de vazante.

A presente fotografia aérea é de um trecho do rio São Francisco quando atravessa a zona sedimentar, a jusante do rio Pajeú, cuja foz se vê à esquerda. É possível observar as formações dos vários sedimentos que caracterizam o rio São Francisco na área sedimentar "frentes" para o São Francisco e alongando-se para dentro da caatinga.

As manchas escuras na fotografia correspondem ao sedimento pouco utilizado pelo nordestino em termos de fixação do homem à terra.

com o adensamento observado em geral na orla da região, com exceção do quadrante oeste. No extremo oriental notam-se fortes adensamentos que não pertencem propriamente à área de regime climático característico do sertão da caatinga mas ocorrem em zona de transição

para a região úmida do litoral. Figuram no mapa porque se acham na zona de contacto com o domínio da caatinga semi-árida.

Na distribuição da população na área de fraca ocupação demográfica o fator mais influente é o clima. As chuvas concentradas no verão agravam sobremodo a quadra seca que se prolonga até quase findar o ano. A par desse inconveniente na distribuição de chuva acresce a irregularidade na precipitação, pois o período chuvoso além de variar no seu tempo, também está sujeito a falhas e até a ausência. A carência d'água decorrente de um tal regime leva a repercussões nítidas na vegetação, na drenagem e na utilização do solo. Conseqüentemente, influi poderosamente no tipo do *habitat* rural.

As isoietas de 500 a 600 mm anuais enquadram o coração dessa área semi-árida. Os rios, apresentando os seus leitos secos na maior parte do ano, deixam de abastecer de água as populações. O solo raso e seco, de difícil utilização para a agricultura contribui para o tipo de economia predominante na caatinga, qual seja a criação extensiva de caprinos e bovinos. São grandes as propriedades e desvalorizadas as terras. Desta maneira encontra-se aí um tipo de população dispersa, rarefeita mesmo, vivendo à base da pequena criação extensiva num regime de economia de subsistência. A coleta de caroá, de baixo preço, o algodão cultivado em pequenas roças e a mamona são as atividades de ganha-pão, em escala acanhada. Fora desse quadro a agricultura é também de subsistência.

Em poucas palavras, pode-se dar uma explicação geral acêrca da distribuição da população na área abrangida pelo mapa. A maior ou menor dificuldade na obtenção da água explica as dispersões e concentrações observadas. Os barreiros, as cacimbas, e barragens são pontos de disputa entre os homens. Várias vezes, na área mais seca se têm dado conflitos em torno de um poço.



Fig. 3 — O vaqueiro representa o tipo humano predominante na população do sertão, principalmente nas áreas de fraca densidade demográfica. Mestiço, com traços ainda vivos do índio e orgulhoso de sua profissão, ele espelha bem, através de uma atividade semi-nômade, as tendências de sua origem étnica. O clichê acima mostra dois vaqueiros em plena atividade na caatinga de Pernambuco, município de Parnamirim.

Ao se observar o mapa de distribuição da população na área de densidade fraca, nota-se de imediato certo desequilíbrio entre a Bahia e Pernambuco, com vantagem para este último. Naturalmente, é no clima, relacionado ao relêvo, que se vai buscar explicação para o fato. O norte de Pernambuco sendo montanhoso possibilita a existência de uma faixa mais pluviosa, assinalada por isoietas de 700 a 1 100 mm, e de maior umidade relativa.

Em resultado, o sertão que lhe fica próximo se beneficia das condições de maior umidade da zona serrana.

Na Bahia, entretanto, onde o relêvo está aplainado, sem apresentar obstáculo considerável, a precipitação é menor assim como a umidade relativa. A não ser na serra de Canabrava, a noroeste da cidade de Uauá, onde há uma certa concentração, a secção baiana do trecho sertanejo em foco é menos povoada do que a sua correspondente da margem esquerda do São Francisco em Pernambuco. É na zona de Canudos e nas terras próximas ao São Francisco que mais se nota a secura do solo. Entretanto, na zona ribeirinha encontra-se uma população mais densa em virtude da presença certa de água, uma vez que o São Francisco é o único rio de curso perene no sertão do nordeste oriental. Este fator água é responsável pela existência de um tipo de agricultura não permanente ao longo do São Francisco — é a lavoura de vazante, feita nos terraços inundáveis e tão importante na área sanfranciscana que justificaria perfeitamente uma denominação especial para tão estreita faixa fluvial: a beira-rio. Surge aí, uma forte agricultura de subsistência instalada nas terras marginais inundáveis e conhecidas por terras de vazante, subordinadas à variação cíclica do nível das águas do São Francisco. As propriedades de dimensões diminutas atestam a disputa do solo e explicam o adensamento da população aí observado.

A população do vale pròpriamente dito, de modo geral apresenta concentrações próximo às cidades e vilas mas quase sempre há adensamentos onde há terrenos de vazante. As inúmeras ilhas, entre elas as de Assunção (no município de Cabrobó), Aracapá (no município de Coripós) e as que pontilham o São Francisco em frente ao município de Jatiná, são pontos de concentração do *habitat* rural.



Fig. 4 — Outro tipo de lavrador, este da serra de Canabrava, município de Mauá, Bahia — Como na figura anterior, o homem se apresenta em estado de pobreza.

Alguns rios da área de população esparsa, afluentes do São Francisco, são de certo modo concentradores de população, embora em escala muito menor do que o rio principal. Sendo de regime temporário, têm os leitos aproveitados para a agricultura de ciclo rápido como também são pontos adequados à perfuração de cacimbas para a obtenção d'água na quadra sêca. O rio Moxotó é uma exceção no caso. Correndo sobre tabuleiros areníticos imprestáveis à agricultura êle se confunde com as regiões que dão o aspecto geral do sertão; isto é, as caatingas semi-desabitadas. No vale do rio Salitre, afluente da margem direita do São Francisco, a montante de Juazeiro há um campo de irrigação experimental com bons resultados. No vale dêsse afluente, próximo ao rio principal, há um certo adensamento de população rural.

Algumas vêzes se observam certas pequenas concentrações rurais na área de população esparsa. Elas são devidas às "Serras". O relêvo geral da área ora estudada, relativamente plano, levemente ondulado, apresenta esporadicamente elevações isoladas às quais os locais denominam de "serra". Pequena que seja a elevação, há no entanto um aumento no grau de umidade, útil à

lavoura e resultando numa concentração de população no sopé. Tais aglomerações aparecem no mapa sob o aspecto de pequenas concentrações dispersas. São exemplos a

“serra” de Canabrava próximo à cidade baiana de Uauá e elevações tabulares nas proximidades da cidade de Glória, na Bahia.

Certas facilidades de circulação local orientam um adensamento da população. Assim, ao longo da via férrea, que de Petrolina (oeste de Pernambuco) se dirige para o norte, paralelamente a uma estrada de “tropa” (animais de carga), nota-se uma certa frequência de habitações. As sedes das fazendas acham-se próximas a esta estrada. Também a estrada de ferro que liga a cidade alagoana de Marechal Floriano à de Petrolândia, em Pernambuco, próxima à cachoeira de Itaparica, representa uma zona de povoamento menos ralo do que as zonas imediatamente vizinhas.

Na denominada área do sertão existem zonas onde a ocupação é demasiadamente rala. Na Bahia, a sudoeste da cidade de Glória, bem perto do rio São Francisco é bem visível uma área desabitada. Trata-se do Raso da Catarina onde as condições locais de clima semi-árido aliado ao solo arenoso agrava sobremodo o problema da água. Em Pernambuco distingue-se também uma depressão demográfica na área entre o rio Pajeú e o Moxotó, vazio este somente interrompido pela serra de Tacaratu. Ainda neste caso são os tabuleiros areníticos, com grande poder de infiltração da escassa água, que dão lugar a tão diminuta ocupação humana.

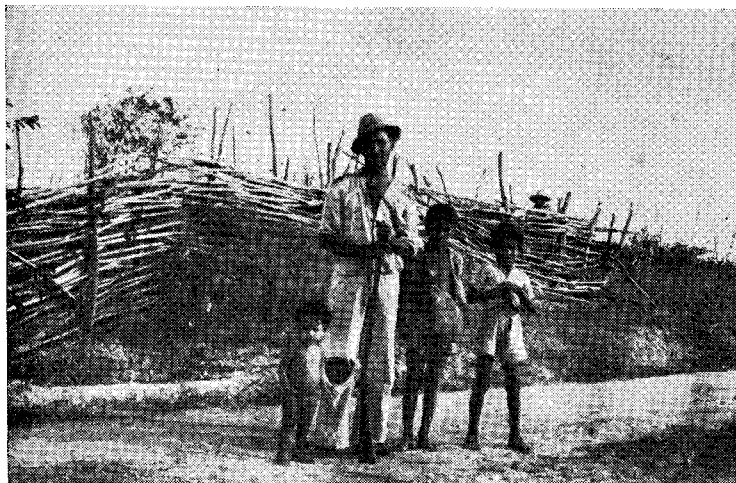


Fig. 5 — Tipo de lavrador do sertão nordestino, Bodocó, município de Pernambuco. O seu traje é o reflexo do baixo padrão de vida, não obstante ser proprietário de pequena propriedade de onde trabalha.

Do rio Pajeú para o este de Pernambuco, os municípios ribeirinhos do São Francisco apresentam em suas áreas interiores fraca densidade de ocupação.

A *Área de População Aglomerada* envolve a área de população esparsa. Compreende assim tôda a periferia da região da caatinga. Fora do limite da área em estudos, mais para leste, acham-se o “Agreste” e a “Mata”, cada vez mais populosos à proporção que se avança para o litoral.

Na área de ocupação aglomerada do sertão distinguem-se os “pés de serra” e os topos pròpriamente ditos. Os primeiros abrangem maiores extensões, porém as zonas de serra são também muito significativas devido ao seu aproveitamento mais intensivo.

O Nordeste é a região dos contrastes. Assim, as ricas zonas serranas apresentam forte contraste com o sertão semi-árido, de povoamento ralo. Se na caatinga sêca o homem luta pela subsistência, nestas zonas serranas há certa abastança que se vê refletida nas inúmeras lavouras, características de tais áreas.

A primeira dessas concentrações pode ser observada no noroeste de Pernambuco, na Chapada do Araripe, lindeira com o Ceará e Piauí. Nota-se aí com muito realce o valor do pé-de-serra. Em virtude da espessa camada de solo, a par de maior umidade, desen-

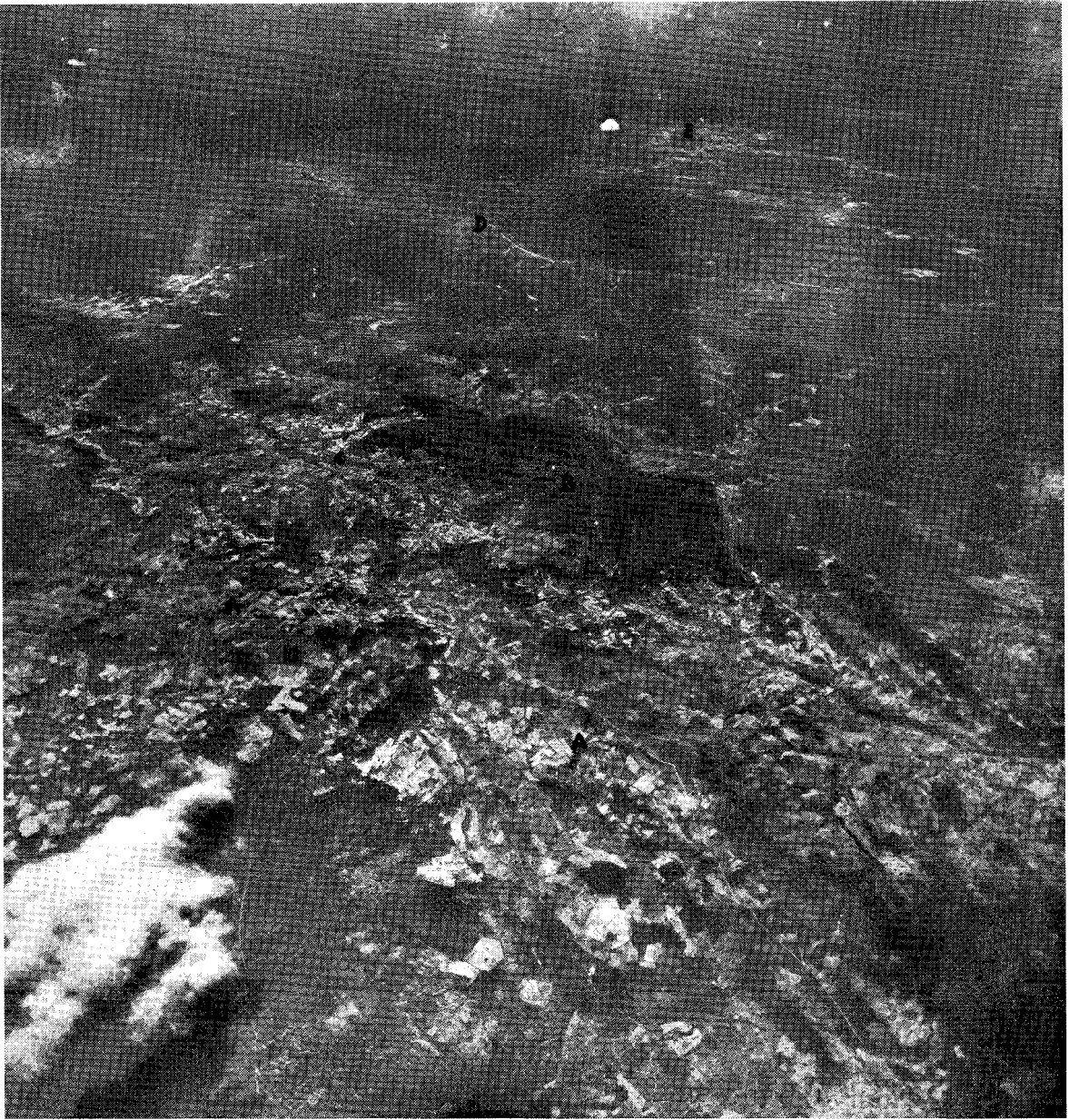


Fig. 6 — Esta fotografia aérea da “serra” de Tacaratu mostra a importância do relevo na ocupação humana do sertão do nordeste. A letra “A” assinala uma das encostas da “serra”, onde a população é mais densa a par de uma ocupação agrícola concentrada. A letra “B” marca o alto da “serra” onde a camada sedimentar ainda não foi removida. Observa-se que, em contraste com as áreas cristalinas vizinhas, o sedimento não é utilizado pelo homem devido às condições pouco propícias à agricultura. Em “C” está assinalada a vila de Tacaratu e em “D” vê-se o rio Moxotó, já na depressão cristalina e semi-árida. A depressão do Moxotó é de rala ocupação humana. Finalmente, a letra “E” assinala outra zona elevada, a “serra” de Mata Grande, de estrutura granítica, da qual o capeamento sedimentar já foi removido, e onde a ocupação humana é bastante densa. Mata Grande encontra-se já no Estado de Alagoas, cujo limite com Pernambuco é marcado pelo próprio rio Moxotó.

volve-se no alto desse relevo tabular uma atividade agrícola maior, predominando a lavoura de mandioca. Uma indústria subsidiária, a da farinha, é o complemento dessa quase monocultura. Deve-se realçar ainda a criação bovina como fator econômico importante. Nas bases dessa chapada há forte lavoura mista com feijão, milho, mamona, etc.

O alto da chapada, do lado de Pernambuco, quase não é habitado devido à pobreza em água, mesmo a pequena profundidade. O lençol d’água deve estar muito profundo visto a permeabilidade das rochas. Assim, observa-se a forte concentração demográfica nos sopés, contrapondo-se aos vazios que refletem o alto do Araripe.

À zona da chapada, ligam-se as extensas serranias que fazem a divisa setentrional deste Estado. Este conjunto montanhoso concentra considerável população nas suas encostas e



Fig. 7 — Fotografia aérea do rebôrdio oriental da formação sedimentar sanfranciscana abrangendo um trecho do município de Glória na Bahia. Observe-se o contraste entre a ocupação humana na depressão e no alto de uma pequena "serra", próximo do São Francisco. Pode-se ter uma idéia da densidade de população no alto da "serra" através do grande número de pequenas lavouras observadas. Na depressão são raras as habitações em virtude do tipo de economia predominante — a pecuária extensiva.

aproveitando as condições favoráveis do clima e solo locais, dedica-se mais à agricultura. Além disso, é de enorme importância na economia desta área a rodovia Central de Pernambuco. De Salgueiro para leste nos altos da região dissecada cortada pela rodovia, é feita a criação de gado aproveitando os solos difíceis à lavoura, mas que se prestam para ótimas pastagens. Os altos vales dos cursos d'água, que nascem na zona serrana correspondem a trechos agrícolas, razoavelmente habitados, distinguindo-se da caatinga próxima, seca e quase despovoada.

No trecho compreendido pela rodovia Central de Pernambuco, o crescimento rápido das cidades tem atraído para estes centros urbanos a população rural. Devido a isto é que se observam claros entre os mesmos. A estrada de rodagem como via de comunicação rápida, não somente estimula o crescimento destas cidades como também favorece ainda que indiretamente, a evolução que se observa do artesanato para a indústria, principalmente

de beneficiamento de matérias primas regionais como o algodão, a mamona e couros. Esta é uma das principais causas do movimento das populações rurais para os centros urbanos.

A região serrana do oeste de Alagoas (incluída a serra de Tacaratu em Pernambuco e seu prolongamento no Estado da Bahia) corresponde a outra concentração demográfica na área sertaneja. Caracteriza-se o seu relevo por fortes elevações graníticas apresentando, algumas vezes, capeamento arenítico. Em Tacaratu, por exemplo, a distribuição da população se faz quase totalmente pelas encostas, pois nos altos encontram-se, ainda, algumas manchas do sedimento, não aproveitáveis para a lavoura. Nas encostas predomina a atividade agrícola em pequenas propriedades. A pequena criação bovina aproveita as áreas do arenito e as terras em descanso, uma vez que se pratica aí a rotação de terras. Tal concentração dá, em consequência, certa frequência de habitações que aumenta quando ocorre algum patamar.

Sem dúvida alguma, Mata Grande e Água Branca, na zona serrana de Alagoas, representam a mais importante das concentrações demográficas na região sertaneja ora em estudos. Esta importância se reflete não só pela extensão da área como também pelo valor do aproveitamento. Em qualquer das duas "serras" já não existe o arenito. Assim sendo, a agricultura se torna ainda mais intensa e reflete uma forte ocupação humana vivendo à base duma lavoura mista.

A importância do oeste de Alagoas como área de concentração demográfica explica-se pela orientação do relevo.

A frente montanhosa orientada de NE para SW é o primeiro obstáculo importante que se oferece aos ventos de leste. Assim se explica o grau de umidade e a alta pluviosidade. Mesmo na época mais seca os riachos fluem e a vegetação apresenta-se viçosa e verde. Ademais, esta área acha-se próxima do "agreste, transição para a mata litorânea, mais úmida e com chuvas de inverno.

A área do "agreste" estende-se do meridiano de Arcoverde para leste até bem próximo do litoral. Favorecido pela altitude e maior proximidade da costa o clima é mais úmido e maior é a quantidade de chuvas em relação ao "sertão". Além disso, acha-se o "agreste" em região de rochas cristalinas, cuja decomposição, facilitada pelo clima úmido apresenta um solo aproveitável a uma agricultura bem desenvolvida e pecuária em condições satisfatórias. Todos estes fatores servem para explicar o grande contraste que se observa na distribuição da população da área em estudo, contraste este mais frisante na faixa limítrofe entre o "sertão" e o "agreste".

No planalto de Garanhuns observa-se uma concentração demográfica mais acentuada. Caracteriza-se tal zona pela lavoura intensiva secundada pela criação de gado mestiço, notando-se o gado leiteiro nos arredores da cidade de Garanhuns. Para o norte do mesmo planalto estes dois tipos de economia acham-se em equilíbrio, talvez até com certa vantagem para a pecuária. A criação aí é feita em pastos plantados e delimitados por cercas de aveloz; raramente é usada a de arame.

Devido à valorização da terra, o "agreste" apresenta diferenças sensíveis em relação ao "sertão", no que diz respeito à propriedade. A terra é propriedade de poucos e é grande a quantidade de colonos, meeiros e contratados explotando pequenas glebas como no caso dos municípios de Garanhuns e Correntes ou atuando na grandes fazendas de economia mista de Pesqueira e São Caetano.

Nas condições acima descritas, as manchas de concentração demográfica, bem observadas no sul de Pernambuco, estão relacionadas ao tamanho da propriedade (pequenos sítios) e ao regime de meação. Nas áreas de São Caetano e Pesqueira a população é constituída na maior parte de colonos e contratados, onde a utilização do solo se divide entre a lavoura e a criação, destacando-se as plantações de tomate e frutas para a indústria de doces e conservas de Pesqueira. Apresenta-se esta população mais espaçada, embora sejam também áreas bem povoadas.

CONCLUSÃO

Em vista do que ficou exposto pode-se afirmar que em poucas regiões do Brasil é tão clara a relação entre o homem e o clima. Esta relação transparece nos tipos de economia,

nas relações entre os próprios indivíduos, no caráter semi-nômade da população e nitidamente na distribuição demográfica. Os habitantes e lavradores, correspondendo, respectivamente, a áreas de caatinga seca de fraca densidade demográfica e às zonas serrana e da beira-rio (de apreciável densidade de população).

O lavrador das áreas serranas também possui pequena criação bovina nas terras em descanso ou improdutivas para a agricultura.

As condições atuais da distribuição da população da área sertaneja poderão ser modificadas através da ação governamental que visa a bacia do São Francisco. O aproveitamento do potencial hidro-elétrico da cachoeira de Paulo Afonso será, sem dúvida, um fator de maior concentração demográfica na região sem prejudicar as áreas rurais, uma vez que se cogita também da irrigação das terras próximas do rio São Francisco. No caso de tais projetos oficiais se tornarem realidade, haverá a dilatação da zona de beira-rio, não só em extensão como ainda em profundidade. A maior concentração demográfica no vale do São Francisco será o resultado de tais benefícios.

As zonas secas que se estendem em ambas as margens do São Francisco, zonas de criação extensiva feita na caatinga, cuja população é das mais ralas, poderão ser desenvolvidas à base de pastagens plantadas, ou usando o sistema de *dry-farming* e mesmo irrigação para as lavouras. Utilizando a energia elétrica não será difícil a utilização do lençol d'água profundo nas áreas sedimentares mediante a perfuração de poços. Tais benefícios darão possibilidade ao uso mais racional da terra com a conseqüente divisão das grandes propriedades e assim maior ocupação humana da gleba.